

Comportamento Semanal de Mercado

Informativo Assessoria Econômica

7 a 14 de outubro 2022 | www.abbc.org.br



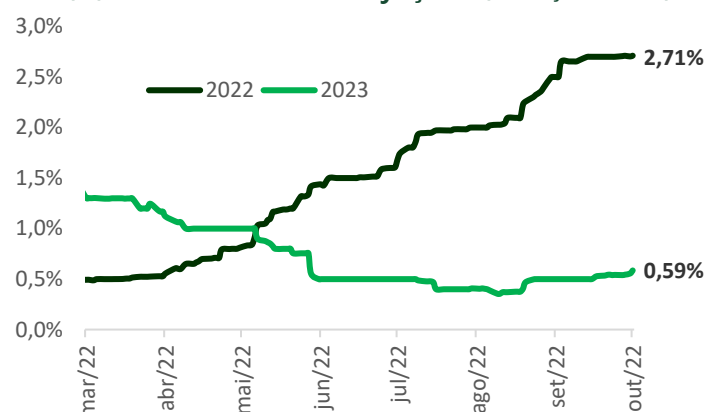
Desaceleração a caminho?

Fortemente aguardado pelos possíveis impactos na evolução da política monetária, o CPI nos EUA surpreendeu negativamente, com a medida de núcleo alcançando 6,6% a.a. em setembro (6,3% a.a. em ago/22) e as expectativas de inflação, medidas pela Universidade de Michigan, de 1 ano avançaram de 4,7% em set/22 para 5,1% na prévia de outubro e as de 5 anos aumentaram de 2,7% para 2,9%. Com esse quadro, houve uma deterioração de risco, o fortalecimento do dólar, a elevação do rendimento das *treasuries* e a queda nas cotações das commodities. Em relatório, o FMI apontou que os riscos continuam elevados, com possível deterioração das condições financeiras e implicações nos mercados emergentes. A tensão geopolítica e seus impactos sobre o fornecimento de energia adicionada a algumas situações de mercado de trabalho mais apertado podem tornar a inflação mais persistente do que a esperada. Localmente, a despeito da melhoria na inflação corrente, os componentes mais sensíveis ao ciclo econômico e à política monetária exibem ainda uma trajetória incompatível com o cumprimento das metas. A medida de inflação subjacente de serviços acelerou de 9,27% a.a. para 9,53% a.a., a de bens industriais de 14,12% a.a. para 14,21% a.a. e a da alimentação no domicílio de 15,78% a.a. para 15,55% a.a.. Porém, as expectativas de inflação na Pesquisa Focus continuam se ajustando para baixo, a mediana das estimativas para o IPCA de 2022 caiu de 5,71% para 5,62%, a de 2023 de 5,00% para 4,97% e a de 2024 de 3,47% para 3,43%, patamares ainda superiores às metas. Em seu 4º resultado mensal positivo, o setor de serviços cresceu 0,7% em setembro, entretanto o volume acumulado em 12 meses indica arrefecimento do impacto da retomada da atividade, saindo de 16,4% a.a. em mar/22 para 8,9% a.a. A evolução prospectiva dependerá dos efeitos do aperto da política monetária, embora a desinflação deva compensá-los. Revertendo uma sequência de 2 altas consecutivas, em agosto, o IBC-Br registrou queda de -1,1%. Abaixo das expectativas de mercado, o recuo se deu pela contração apresentada tanto no comércio, com as quedas de -0,1% no restrito e de -0,6% no ampliado, quanto a de -0,6% na indústria, mais do que compensando a expansão do setor de serviços de 0,7%. O índice de confiança do empresário industrial da CNI recuou -2,6 pts. em outubro, a maior queda registrada no ano decorreu da piora da percepção tanto sobre as condições atuais e, em maior medida, das expectativas futuras. A despeito da melhora no mercado de trabalho e das políticas de transferência de renda,

na PEIC da CNC, a percepção do nível de endividamento das famílias atingiu o 3º recorde consecutivo de alta na série iniciada em jan/10. Com sinais de desaceleração da atividade econômica, a taxa real de juros *ex-ante* permaneceu 7,55% a.a., acima da taxa neutra de 4,00% a.a. calculada pelo Banco Central. Para semana que se adentra é importante monitorar os números relativos ao PIB da China e do Livre Bege nos EUA que poderão sinalizar a evolução prospectiva da economia internacional. Há ainda as divulgações do IGP-10, Reunião do CMN e do CPI da Zona do Euro.

Expectativas

PIB (%) – Mediana das Projeções (variação anual)

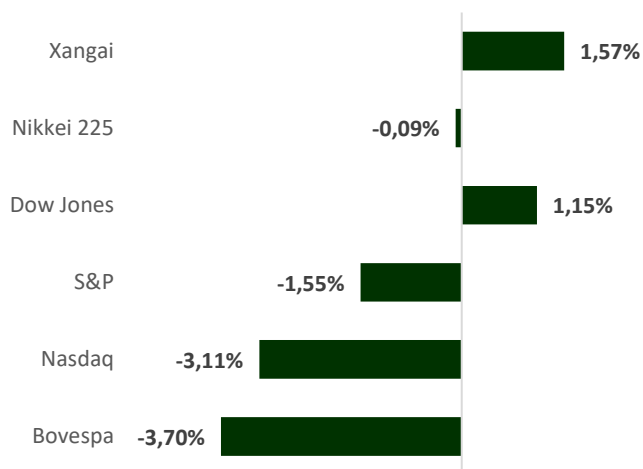


Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

Com o cenário favorável explícito no IPCA de setembro, as expectativas de inflação na Pesquisa Focus continuam se ajustando para baixo. No curto prazo, as projeções para out/22 oscilaram de 0,34% para 0,33% e as de nov/22 de 0,46% para 0,45%. A mediana das estimativas para o IPCA de 2022 caiu de 5,71% para 5,62%. Considerando-se a amostra que contempla instituições que fizeram alterações nos últimos 5 dias úteis, as expectativas de inflação para 2022 saíram de 5,63% para 5,56%. Reduzindo-se em -0,03 p.p., o IPCA esperado para 2023 foi para 4,97%, enquanto o para 2024 variou de 3,47% para 3,43%, entretanto, em patamares ainda superiores às metas. Com o desempenho positivo nos indicadores de alta frequência, a estimativa de crescimento para o PIB de 2022 subiu 0,01 p.p. para 2,70%. Para 2023, subiu 0,05 p.p. para 0,59%. Para o ano de 2024, manteve-se a expectativa de avanço de 1,70%. As expectativas para a meta Selic continuaram em 13,75% a.a. ao final de 2022, e com redução de -0,25 p.p. em jun/23, mais 3 quedas de -0,50 p.p. e 1 de -0,75 p.p. para fechar 2023 em 11,25% a.a.. O ciclo de flexibilização se estenderia em 2024 para fechar o ano em 8,00% a.a.. Já a mediana das projeções para a taxa de câmbio continuou em R\$ 5,20/US\$ aos finais de 2022 e 2023, variando de R\$ 5,11/US\$ para R\$/US\$ 5,10 ao término de 2024. O resultado primário variou de 0,91% para 1,00% do PIB em 2022, mantendo-se em -0,50% do PIB para 2023 e 0,00% do PIB para 2024.

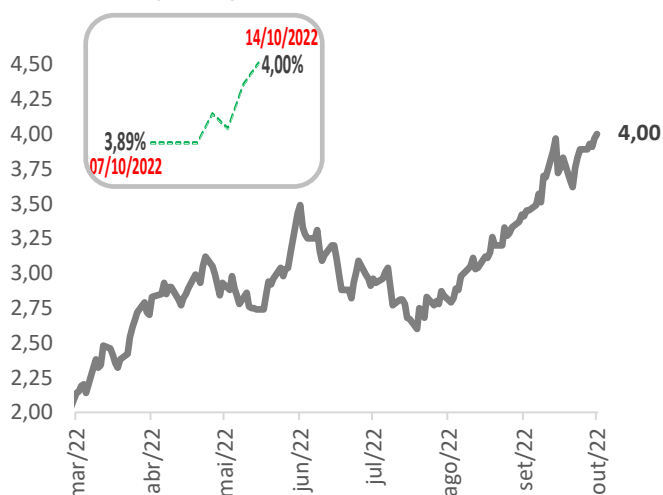
Aversão ao Risco

Bolsas Internacionais Variação na semana



Após a divulgação da inflação ao consumidor (CPI) nos EUA em setembro vir acima das projeções, a semana encerrou com alta na aversão ao risco. A persistência inflacionária agregada às pressões no mercado de trabalho favorecendo a continuidade de um ciclo monetário mais agressivo levaram ao fortalecimento do dólar no mercado internacional de câmbio e à elevação nos rendimentos das *treasuries*. A precificação de uma maior probabilidade de recessão teve impacto no mercado de ativos.

T-Note - (% a.a.)

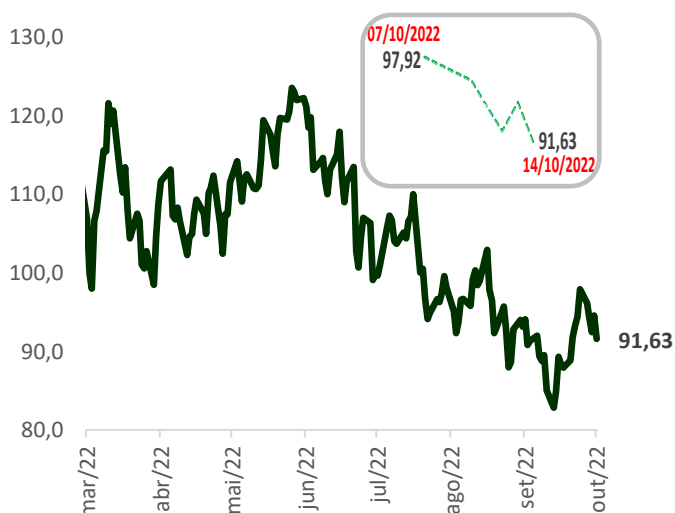


Assim, o risco soberano brasileiro, medido pelo CDS de 5 anos, fechou a semana com alta de 14,2 bps. para 312,2 bps.. As principais bolsas internacionais apresentaram comportamentos distintos no período, com elevações de 1,57% no Xangai e de 1,15% no Dow Jones e retrações de -3,70% do Ibovespa e de -3,11% na Nasdaq. No caso da bolsa brasileira, pesou a queda nas cotações das commodities com a deterioração do risco.

A divulgação do CPI nos EUA acima do esperado praticamente selou as apostas do 4º aumento consecutivo em 0,75 p.p. da taxa básica de juros e talvez abrindo espaço para outras elevações nessa magnitude. A *CME Group* indicou que a maioria do mercado espera que os *Fed Funds* cheguem ao intervalo de 4,75% a.a. a 5,0% a.a. no início de 2023 (ante 4,5% a.a. a 4,75% a.a. na última semana).

Petróleo

Brent última cotação US\$



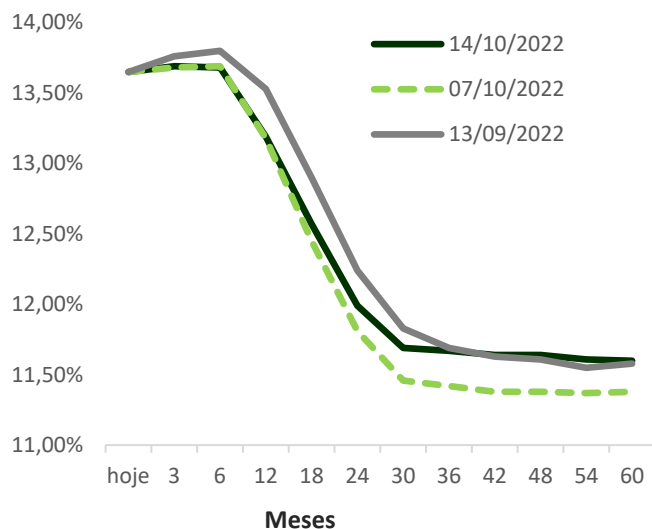
O rendimento das *T-Notes* encerrou com alta semanal de 0,18 p.p. para 4,48% a.a. na *treasury* de 2 anos e de 0,11 p.p. para 4,00% a.a. na de 10 anos. Com isso, o spread entre elas recuou -0,07 p.p. para -0,48 p.p., reforçando os temores de recessão em um horizonte próximo.

Por fim, após forte recuperação na semana anterior com o anúncio da Opep+ de cortar a produção, os temores de uma recessão global impactando na diminuição nas projeções de demanda por petróleo e derivados levaram a uma retração de -6,4% na cotação do barril de petróleo tipo Brent, que fechou a semana em US\$ 91,63.

Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

Estrutura a Termo das Taxas de Juros (% a.a.)



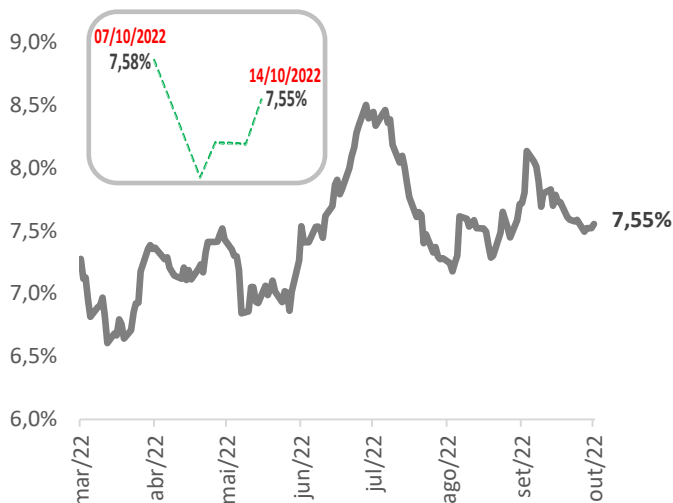
Influenciado pelo aumento da aversão ao risco e pelas altas nas taxas de juros internacionais, o mercado de juros futuro encerrou a semana com aumento dos prêmios em todos os vértices. Especificadamente, de 0,18 p.p. no prazo de 2 anos, de 0,25 p.p. no de 3, de 0,26 p.p. no de 4 e de 0,22 p.p. no de 5 anos.

Em menor intensidade, a taxa de juros do *swap* DI prefixado de 360 dias subiu somente 0,01 p.p. na semana para 13,19% a.a.. Contudo, como a inflação esperada para os próximos 12 meses subiu 0,04 p.p. no período para 5,24%, a taxa real de juros *ex-ante* fechou a semana com queda de -0,03 p.p. em 7,55%, ainda assim em patamar contracionista. Lembrando que a taxa de juros real neutra utilizada pelo Banco Central é de 4,0% a.a., conforme aponta o seu relatório de inflação de set/22.

Por fim, a medida de risco calculada pelo diferencial entre as taxas pré de 10 anos e 1 ano dos títulos públicos divulgados pela Anbima ficou em -1,02 p.p., o que representou uma alta de 0,15 p.p. na semana. Na mesma direção, o spread entre as taxas de 10 anos e 1 ano negociadas na B3 registrou alta de 0,20 p.p. no período para -1,36 p.p..

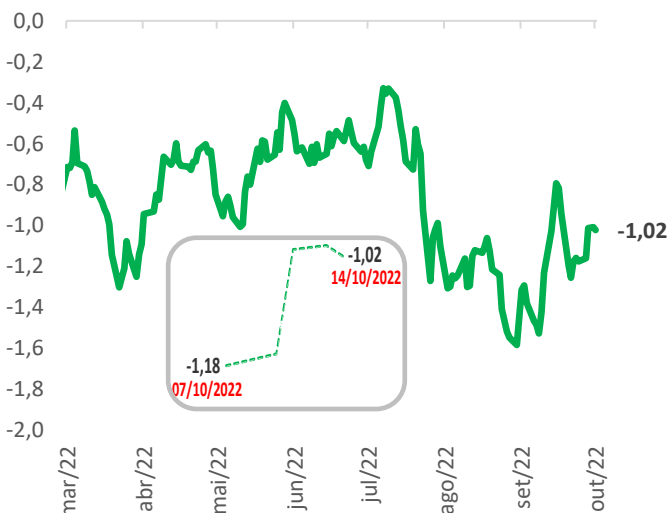
Taxa Real de Juros (a.a.)

Ex-ante



Spread da Taxa de Juros

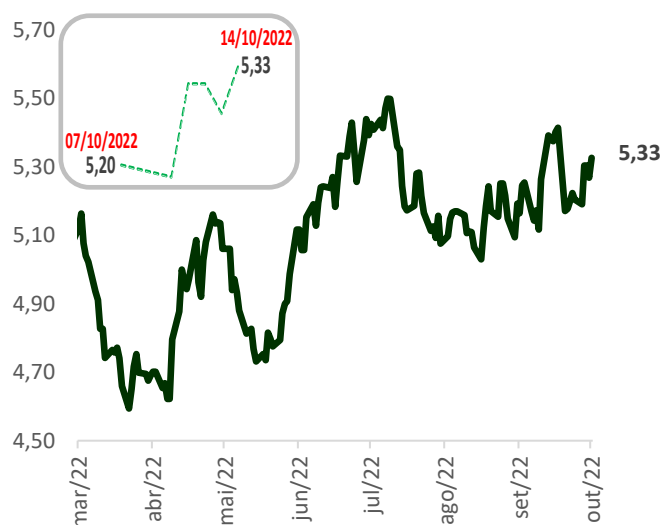
Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos (p.p.)



Fonte: B3/Anbima. Elaboração ABBC

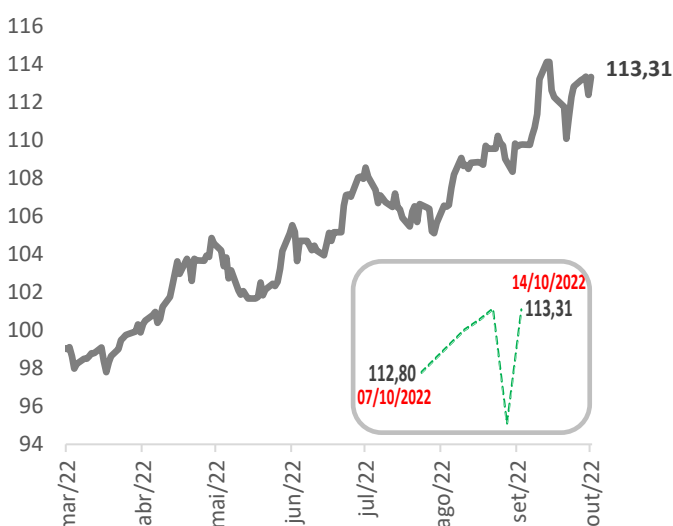
Câmbio

Real/US\$



Com o aumento da aversão ao risco e a busca por ativos de maior segurança, face a maior perspectiva de manutenção do atual ritmo de aperto monetário nos EUA, o dólar se fortaleceu nos mercados globais, tanto em relação às moedas dos países desenvolvidos quanto em relação às dos países emergentes. Na semana, o *Dollar Index*, que mede a variação da divisa norte-americana frente às dos países desenvolvidos, exibiu elevação de 0,46%, alavancado pela depreciação de 0,23% no euro. Por sua vez, a libra esterlina se apreciou em 0,77%, respondendo à reversão de cortes de impostos.

Dollar Index



Em linha e impactado também pela queda nos preços das commodities, o índice que mede o desempenho das moedas de países emergentes em relação ao dólar encerrou a semana com retração de -0,59%, com destaques para as depreciações de 1,67% no peso argentino, de 1,08% no renminbi e de 0,20% no peso mexicano, além da apreciação de 0,44% na lira turca.

O real exibiu desempenho inferior ao de seus pares de países emergentes, depreciando 2,33% na semana, com o dólar fechando cotado em R\$ 5,33. Entretanto, no acumulado do ano o real apresenta apreciação de 4,40%. Com o movimento da semana, o Banco Central atuou no mercado cambial somente com a rolagem dos swaps cambiais com vencimento em 01/11/22.

Índice de Emergentes*



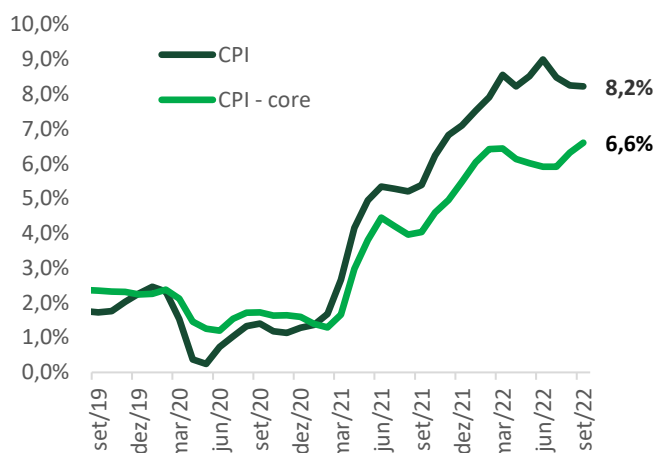
*Cesta de Moedas:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Renminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: J.P. Morgan/Bloomberg. Elaboração ABBC

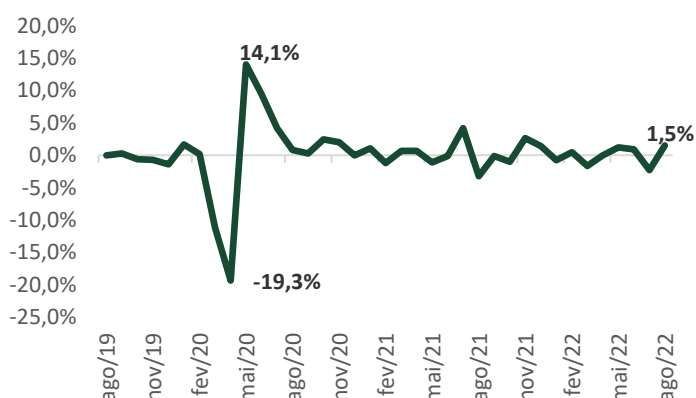
Atividade Global – Set/22

EUA – Inflação ao Consumidor (% a.a.)



Zona do Euro – Produção Industrial

Variação mensal



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Em ata de reunião de política monetária, o *Federal Reserve* (Fed) enfatizou as suas preocupações com a persistência inflacionária, destacando como riscos para a dinâmica inflacionária a guerra na Ucrânia, os desequilíbrios na oferta e demanda e a evolução nos preços da energia. Ratificou também a necessidade de um aperto monetário agressivo e prolongado até que a inflação convirja à meta, mesmo com um cenário de menor crescimento econômico. O documento mostrou ainda que para alguns dirigentes, seria importante calibrar os futuros aumentos dos juros para mitigar o risco dos seus efeitos adversos.

Fortemente aguardado pelos possíveis impactos na evolução da política monetária, o índice de preços ao consumidor (CPI) dos EUA elevou-se em 0,4% em setembro em termos dessazonalizados, valor acima do 0,2% esperado pelo mercado. A medida de núcleo, que exclui os voláteis preços de alimentos e energia, também surpreendeu com avanço de 0,6% na comparação mensal ante o 0,4% esperado. Houve aumentos nos custos com hospedagem, alimentação e assistência médica, parcialmente compensados pelo recuo nos preços das *commodities* energéticas, sobretudo gasolina. Em termos anualizados, o CPI desacelerou de 8,3% a.a. em ago/22 para 8,2% a.a., enquanto o núcleo alcançou 6,6% a.a., ganhando força ante o avanço de 6,3% a.a. em ago/22. Apuradas pela Universidade de Michigan, as expectativas de inflação de 1 ano avançaram de 4,7% em set/22 para 5,1% na prévia de outubro e as de 5 anos aumentaram de 2,7% para 2,9%.

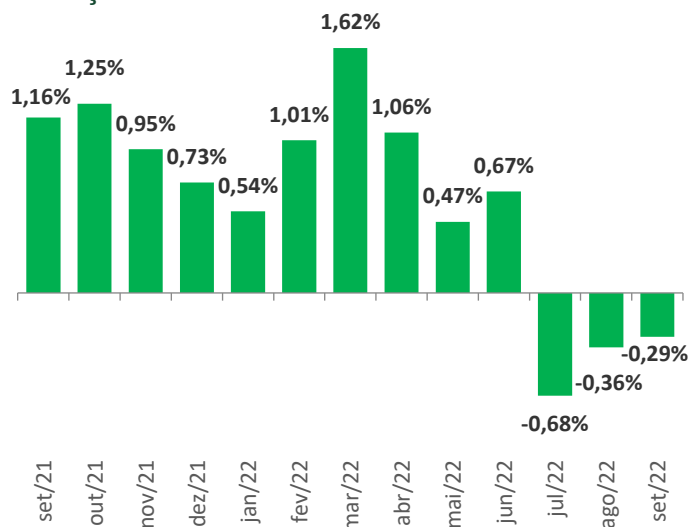
Do lado da atividade, as vendas no varejo dos EUA mantiveram-se estáveis em setembro, enquanto se projetava alta mensal de 0,3%. Por sua vez, o índice de sentimento do consumidor subiu de 58,6 em setembro a 59,8 nessa preliminar.

A Alemanha também apresenta uma dinâmica inflacionária negativa, agravando as preocupações acerca da formação de um processo recessivo motivado pelo aperto monetário que se faz necessário. Em setembro, o CPI subiu 1,9%, atingindo 10% a.a., o maior nível em 70 anos. Na Zona do Euro, a produção industrial surpreendeu ao crescer 1,5% em agosto, com elevação de 2,5% em base anual. Apesar da alta, o setor industrial deve apresentar dificuldades nos próximos meses em meio à crise de energia na Europa e ao enfraquecimento da demanda.

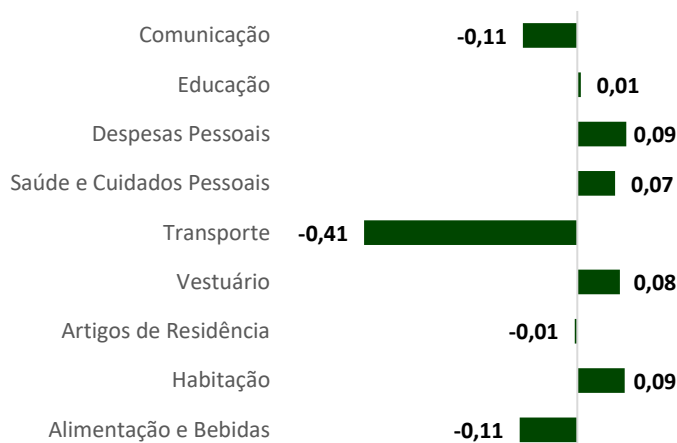
O FMI manteve as projeções de crescimento do PIB mundial em 3,2% em 2022, mas revisou para baixo suas projeções de crescimento de 2,9% para 2,7% em 2023. A desaceleração será disseminada, com destaque para os fracos desempenhos de EUA, China e Zona do Euro. Mesmo com este quadro, as pressões inflacionárias globais devem se manter, com altas de 8,8% ao final de 2022 e de 6,5% em 2023. Os riscos para o cenário internacional continuam elevados, com possível deterioração das condições financeiras, com implicações nos mercados emergentes. Devido a guerra no Leste Europeu e seus impactos sobre o fornecimento de energia e em função de um mercado de trabalho mais apertado em alguns países, é possível que a inflação se revele mais persistente do que a esperada.

IPCA – Set/22

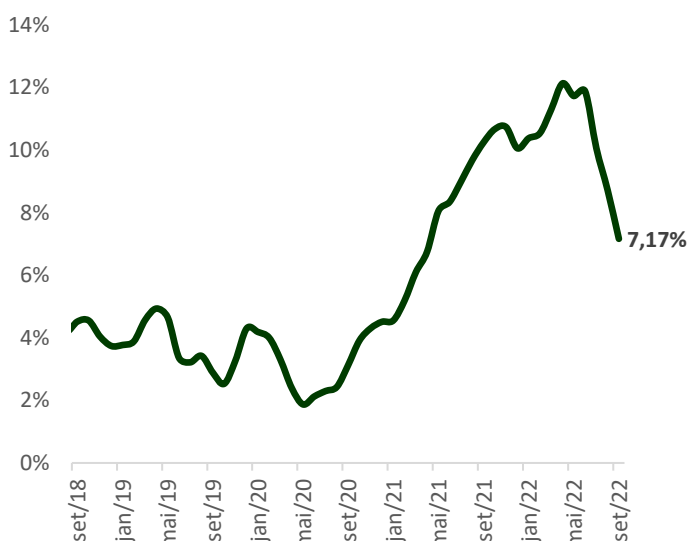
Variação Mensal



Contribuição Mensal Por grupo – em p.p.



Evolução Anual



Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

Pelo 3º mês consecutivo, o IPCA registrou deflação. Em setembro, a queda foi de -0,29%, ligeiramente menor do que a de -0,36% em ago/22. Movimento recente puxado fundamentalmente pela contração dos preços dos combustíveis e dos alimentos, deve perder força em outubro, com a inflação voltando ao patamar positivo. No ano, o índice acumulou alta de 4,09%, desacelerando a taxa acumulada em 12 meses de 8,73% a.a. em ago/22 para 7,17% a.a..

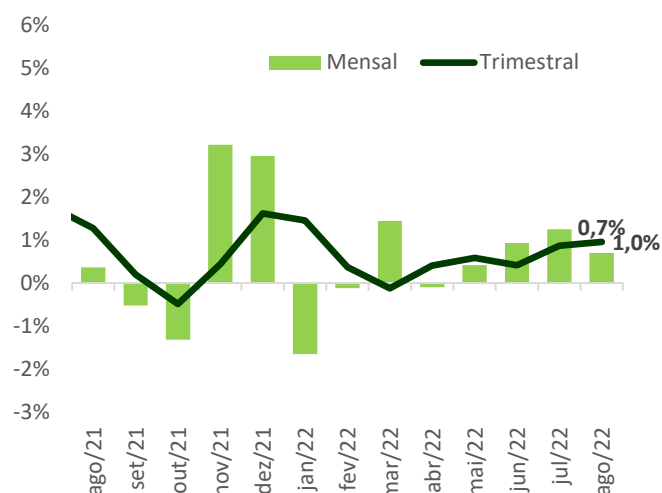
A deflação em setembro concentrou-se em 4 dos 9 grupos pesquisados. Ênfase para a contribuição do Transportes que contribuiu com -0,41 p.p. na variação total, ainda que com arrefecimento na queda de -3,37% em ago/22 para -1,98%. Neste grupo, observou-se uma redução de -8,50% nos preços dos combustíveis, dividida em -8,33% na gasolina, -12,43% no etanol e -4,57% no óleo diesel. Como contrapartida, os preços das passagens áreas subiram 8,22% no mês ante uma queda de -12,07% em agosto. Impactando -0,11 p.p. no IPCA de setembro, impulsionada pela queda de -0,86% dos itens da alimentação no domicílio, a inflação no grupo Alimentação e Bebidas variou de 0,24% em ago/22 para -0,51%, a 1ª deflação desde nov/21. Destaque para o recuo de -13,71% no preço do leite longa vida, embora o item ainda acumule aumento de 36,93% nos últimos 12 meses. Em sentido oposto, os custos com Despesas Pessoais passaram de 0,54% para 0,95% em setembro, contribuindo com 0,09 p.p. no índice cheio. A aceleração contou com a contribuição dos itens beneficiados pela retomada dos serviços como hospedagem (2,88%) e pacote turístico (2,30%). Habitação, que também contribuiu com 0,09 p.p. no índice do mês, acelerou de 0,10% em agosto para 0,60%, influenciada, em maior medida, pelo preço da energia elétrica residencial (-1,27% para 0,78%) após os reajustes na tarifa.

Observa-se, em alguns indicadores, um alívio na pressão. O índice de difusão caiu de 65,3% em ago/22 para 61,5% (78,2% em abr/22). A média móvel trimestral dessazonalizada e anualizada (MM3DA) dos 5 núcleos acompanhados pelo Banco Central saiu de 9,4% a.a. em ago/22 para 7,5% a.a.. Além da queda forte nos preços administrados que passaram de -24,0% a.a. para -28,7 a.a. em setembro, os livres desaceleraram de 9,7% a.a. para 5,4% a.a. Mesmo com o aumento na margem de 0,28% em ago/22 para 0,40%, serviços também apresentaram redução na MM3DA de 9,9% para 7,5%. A despeito da melhoria, os componentes mais sensíveis ao ciclo econômico e à política monetária exibem ainda uma trajetória incompatível com o cumprimento das metas. Na margem, a medida de inflação subjacente de serviços acelerou de 9,27% a.a. para 9,53% a.a. e a de bens industriais de 14,12% a.a. para 14,21% a.a.. O movimento positivo adveio na alimentação no domicílio de 15,78% a.a. para 15,55% a.a..

Pesquisa Mensal de Serviços – Ago/22

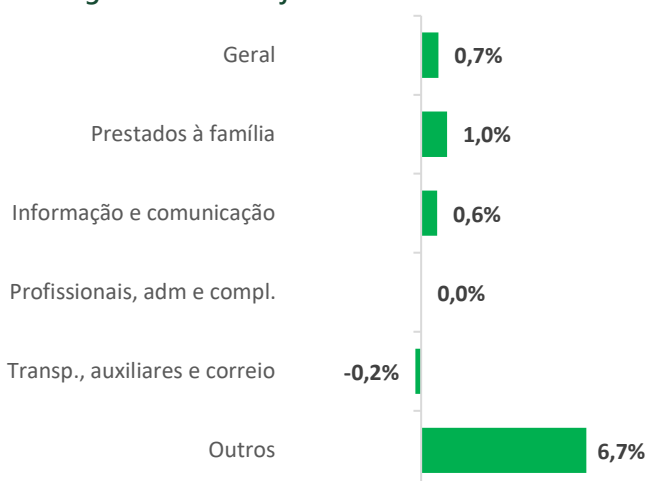
Variação

Série com ajuste sazonal



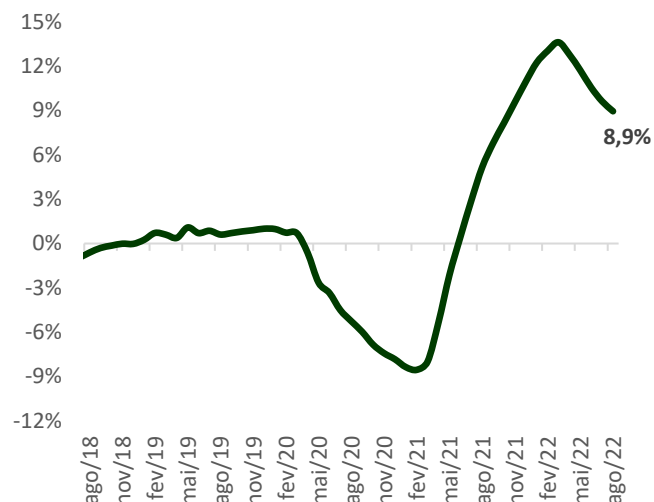
Variação Mensal

Por segmento – com ajuste sazonal



Variação Anual

Acumulada em 12 meses



Mantendo-se como o mais dinâmico da economia, o setor de serviços registrou o 4º resultado positivo consecutivo. Na série livre de influências sazonais, houve crescimento de 0,7% na margem, enquanto o dado de jul/22 foi revisado de uma alta de 1,1% para 1,3%. O volume de serviços prestados permaneceu 10,1% acima do patamar pré-pandemia (fev/20), porém ainda -0,9% abaixo do ponto mais alto da série histórica alcançado em nov/14.

Todavia, essa recuperação ocorre de forma heterogênea dentre as 5 atividades que compõe o indicador, com variações acumuladas em relação a fev/20 de -4,8% para serviços prestados às famílias, 5,7% para profissionais, administrativos e complementares, 20,0% para transportes, serviços auxiliares e correio e 3,4% para outros serviços. A categoria Informação e comunicação avançou 14,1% neste período, com a contribuição do segmento de tecnologia da informação (56,7%), por conta do home office e da digitalização dos serviços.

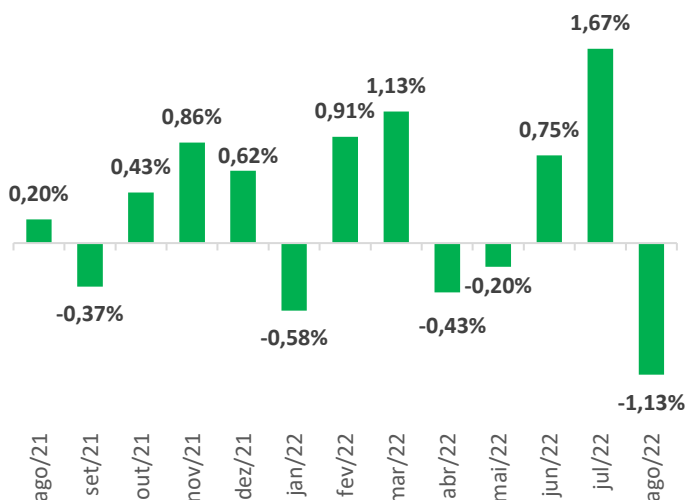
O resultado mensal decorreu da alta de 3 das 5 atividades pesquisadas, com destaque para outros serviços, que registrou alta expressiva de 6,7% em agosto (-5,0% em jul/22). Os Serviços prestados às famílias, um dos mais afetados durante a pandemia, cresceram 1,0% no mês (+0,6% em jul/22), enquanto serviços de informação e comunicação avançaram 0,6% (+1,1% em jul/22). Em sentido oposto, transporte, auxiliares e correios retraíram-se em -0,2% (+2,4% em jul/22).

Com a revisão da série e o resultado no mês, a variação trimestral acelerou seu ritmo de crescimento de 0,9% no trimestre findo em jul/22 para 1,0% no terminado em agosto. Entretanto, a série do volume de serviços acumulado em 12 meses indica arrefecimento do impacto da retomada da atividade, saindo de 9,6% a.a. em jul/22 (16,4% a.a. em mar/22) para 8,9% a.a. A evolução prospectiva dependerá dos efeitos do aperto da política monetária, embora a desinflação deva compensá-los.

Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

IBC-Br - Ago/22

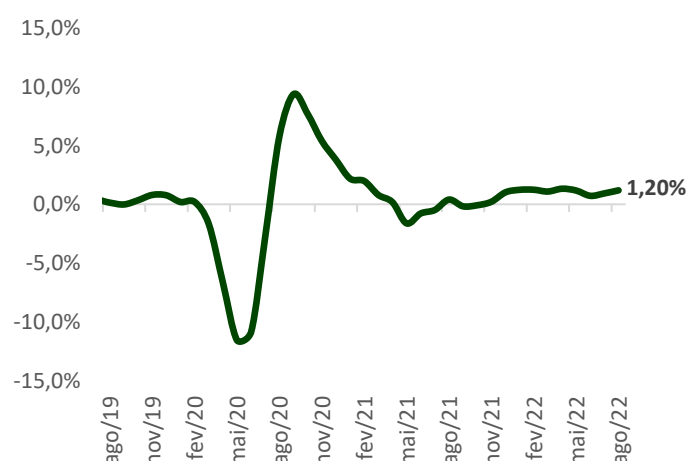
Variação Mensal Com ajuste sazonal



Revertendo uma sequência de 2 altas consecutivas, em agosto, o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) registrou queda de -1,13%, na série livre de influências sazonais. Além de ter ficado abaixo das expectativas do mercado, houve revisão positiva no crescimento de julho, passando 1,17% para 1,67%. Assim, o indicador acumulou alta de 2,76% no ano.

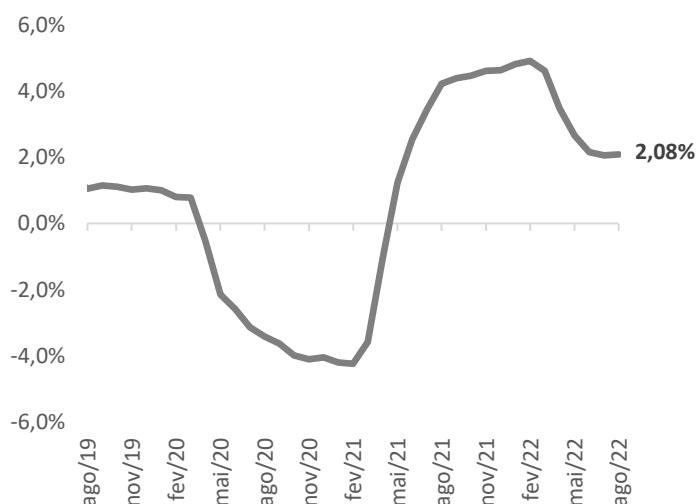
O recuo no mês se deu pela contração apresentada tanto no comércio, com as quedas de -0,1% no restrito e de -0,6% no ampliado, quanto a de -0,6% na indústria, mais que compensando a expansão do setor de serviços de 0,7%.

Variação Trimestral Com ajuste sazonal



A despeito do desempenho negativo no mês, a variação trimestral móvel acelerou ligeiramente de 0,95% em jul/22 para 1,20%. Para o 3T22, o índice aponta um carregamento estatístico de 1,3% e de 2,8% para o ano. Finalizando, a variação anual do acumulado em 12 meses, que em fev/22 era de 4,91% a.a., oscilou de 2,05% a.a. em jul/22 para 2,08% a.a..

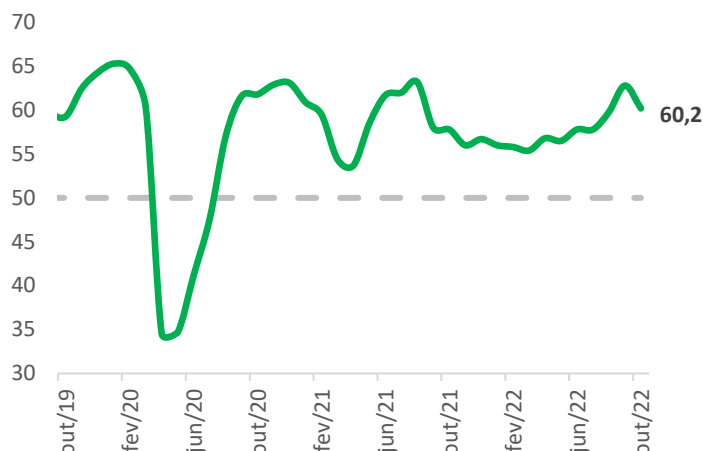
Variação Anual Acumulado em 12 meses



Fonte: BCB. Elaboração ABBC

ICEI - Out/22

ICEI



Refletindo uma visão mais moderada em relação aos próximos meses, mas ainda indicando confiança, o Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) da Confederação Nacional da Indústria (CNI) apresentou um recuo mensal de 62,8 para 60,2 pts. em outubro. A maior queda registrada no ano decorreu da piora da percepção tanto sobre as condições atuais (CA) e, em maior medida, das expectativas futuras (EF).

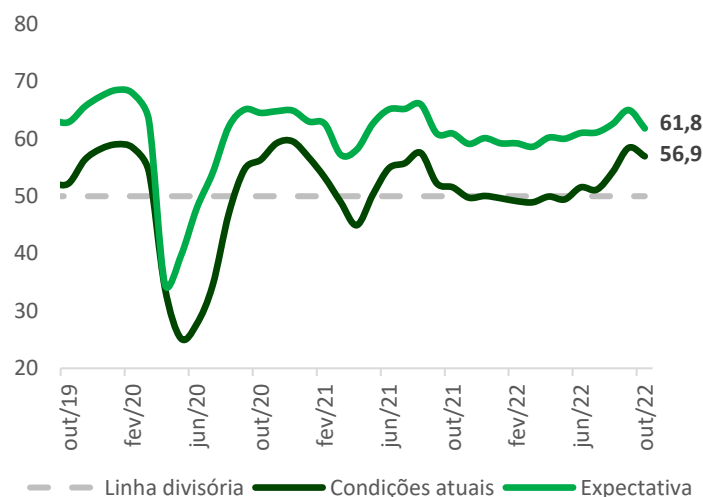
A avaliação do setor em relação às CA reduziu de 58,4 pts. para 56,9 pts., refletindo a deterioração no sentimento sobre a economia brasileira (58,6 para 58,0 pts.) e sobre suas próprias empresas (58,3 para 56,3 pts.), mas ainda permanece acima da linha divisória, mostrando boa percepção em relação aos últimos 6 meses.

Sobre as EF, que avalia o sentimento dos empresários em relação aos próximos 6 meses, recuou com mais intensidade, de 65,0 para 61,8 pts., mas ainda se mantendo acima do índice de CA. A queda na margem também se deu com a piora nas perspectivas da economia brasileira (62,8 para 59,3 pts.) e das empresas (66,2 para 63,0 pts.), mas também demonstra otimismo por estar acima da linha de 50,0 pts..

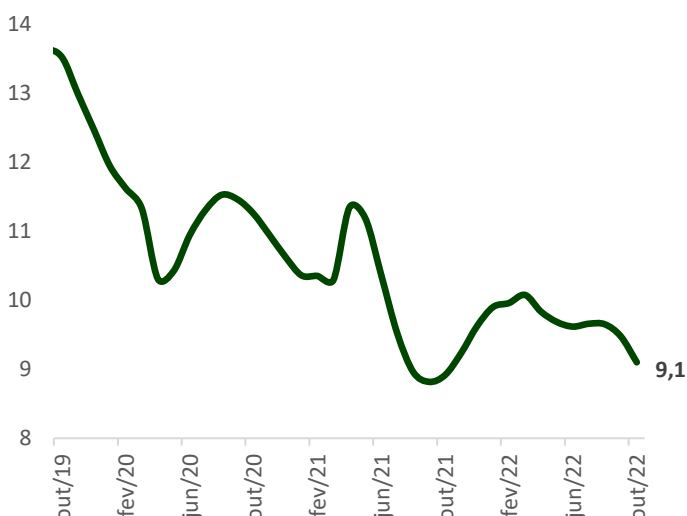
Com isso, a diferença entre os índices de CA e EF ficou em -4,9 pts. no mês (-6,6 pts. em agosto). Finalizando, a média móvel de 12 meses retraiu-se de 9,5 pts. para 9,1 pts., indicando a tendência de piora no curto prazo das expectativas futuras em relação às condições atuais.

A pesquisa do mês foi realizada entre 3 e 7 de outubro com 1.459 empresas, das quais 572 são de pequeno porte, 535 de médio porte, e 352 de grande porte.

Abertura por Componente



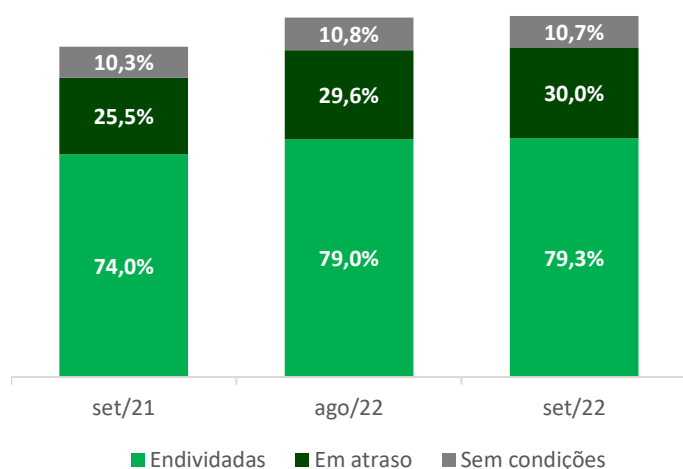
Diferença entre CA e EF Média móvel de 12 meses



Fonte: CNI. Elaboração ABBC

PEIC - Set/22

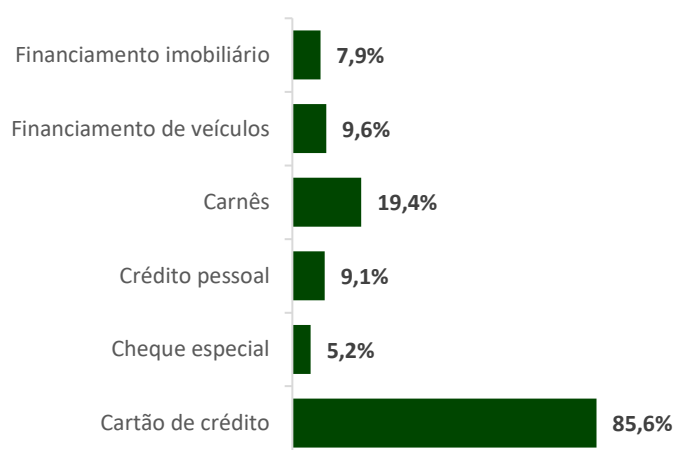
PEIC (%)



A despeito da melhora no mercado de trabalho e das políticas de transferência de renda, a percepção do nível de endividamento das famílias atingiu o 3º recorde consecutivo de alta na série iniciada em jan/10. A Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) da Confederação Nacional do Comércio (CNC) revelou que o número de famílias endividadas aumentou de 79,0% para 79,3% em setembro.

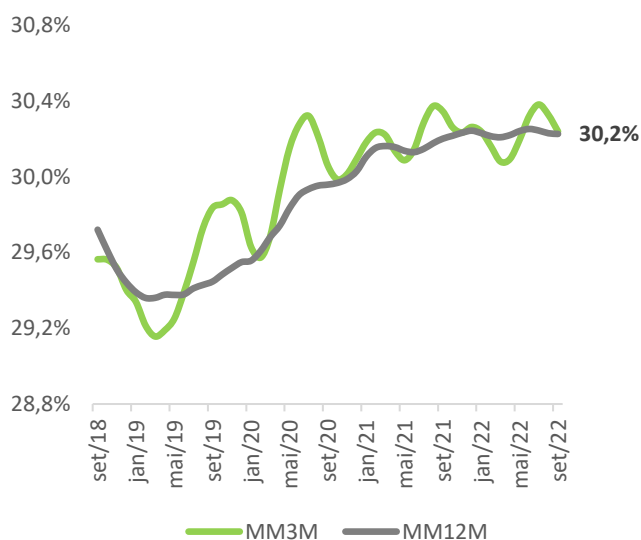
A quantidade de endividados que declararam contas em atraso alcançou o patamar recorde de 30,0%, configurando um aumento de 0,4 p.p. em relação a ago/22. Por sua vez, a parcela de famílias que declarou que não teriam condições de pagar suas dívidas em atraso, permanecendo inadimplentes, recuou de 10,8% em agosto para 10,7%.

Tipo de Dívida (% do total)



Ainda em setembro, o comprometimento de renda apontado pelas famílias se manteve em 30,2% no mês, mesma taxa da média móvel trimestral e anual. O principal tipo de dívida declarado pelas famílias continua sendo a com cartão de crédito, aumentando de 85,3% para 85,6% da amostra. A seguir, vem as dívidas com carnês, modalidade que se manteve em 19,4% do total pesquisado. Apesar da manutenção na margem, esse tipo de modalidade tem trajetória de crescimento, dado o maior dinamismo no setor do varejo.

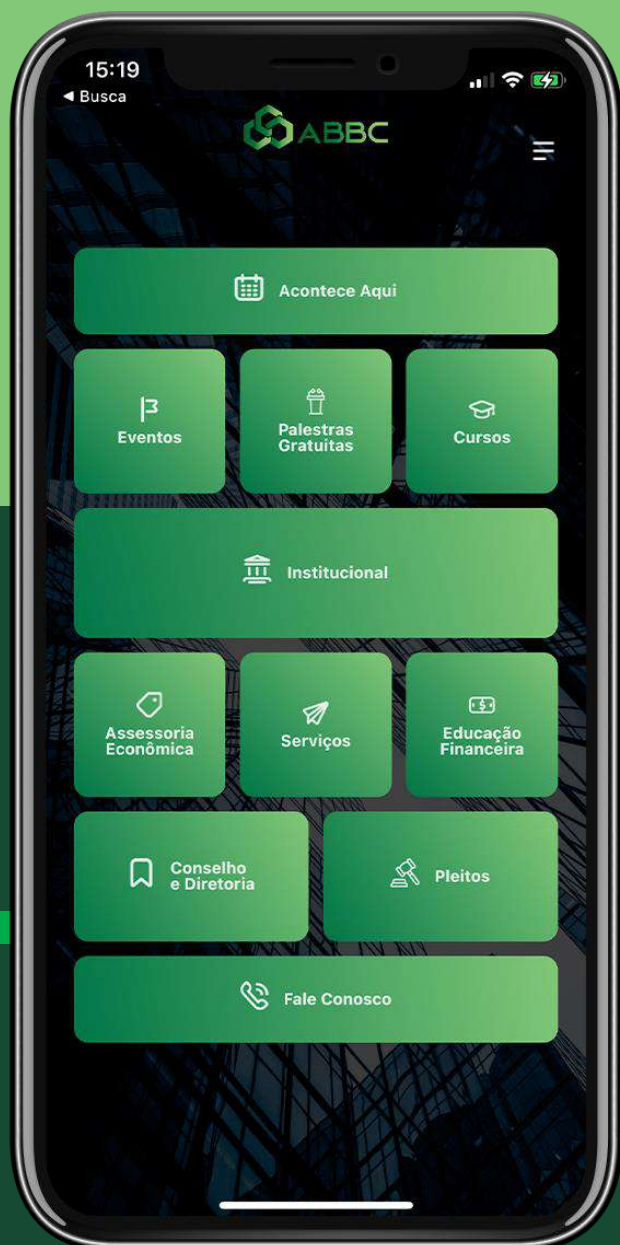
Parcela da Renda Comprometida



Fonte: CNC. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2019	2020	2021	2022E	2023E
Atividade, Inflação e Juros					
PIB Real (% a/a)	1,2	-3,9	4,6	2,9	0,7
Crédito (% a/a)	6,4	15,6	16,5	14,5	8,3
Desocupação (% fim de período)	11,1	14,2	11,1	8,3	9,1
IPCA (% a/a, fim de período)	4,3	4,5	10,1	5,6	4,9
IGP-M (% a/a, fim de período)	7,3	23,1	17,8	7,9	4,6
Taxa Selic (% fim de período)	4,50	2,00	9,25	13,75	11,25
Setor Externo e Câmbio					
Balança Comercial - (US\$ bi)	35,2	50,4	61,2	60,0	60,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-65,0	-24,5	-28,1	-30,0	-33,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	69,2	37,8	53,3	60,0	66,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	4,0	5,2	5,7	5,20	5,20
Fiscal					
Resultado Primário (% PIB)	-0,8	-9,4	0,7	0,9	-0,5
Resultado Nominal (% PIB)	-5,8	-13,6	-4,4	-6,8	-7,7
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	54,7	62,5	57,2	59,0	63,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	74,4	88,6	80,3	76,0	78,5



Baixe o app ABBC

E fique por dentro das novidades do mercado financeiro.



DISPONÍVEL NO
Google Play



Disponível na
App Store



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688